

LAZERES MARGINAIS E CONTEMPORANEIDADE: INSTIGANDO E DIALOGANDO NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO-SENSU*

Recebido em: 25/11/2022

Aprovado em: 01/03/2023

Licença: 

César Teixeira Castilho¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5102-7148>

RESUMO: O objetivo desse estudo porta sobre um relato de experiência vivenciado no transcorrer de uma disciplina optativa intitulada “Lazeres Marginais e Contemporaneidade” estruturada no âmbito de um Programa de Pós-graduação *Stricto-Sensu*. Visando ampliar as discussões das práticas de lazeres etiquetadas socialmente como “marginais”, preconizou-se articulações teóricas com autores(as) ainda pouco explorados(as) no campo específico dos Estudos do Lazer de sorte que novas perspectivas analíticas, sobretudo menos dicotômicas, sejam empreendidas empiricamente. Para além dos novos diálogos conceituais, observou-se igualmente avanços didáticos no manejo quanto ao engajamento da turma, bem como críticas e sugestões no que tange à operação de novos métodos de pesquisa. Em suma, trata-se de uma experiência valiosa sob à égide dialógica empregada e à troca amistosa oriunda do processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de experiência. Lazeres marginais. Pós-graduação.

MARGINALIZED LEISURE AND CONTEMPORANEITY: INSTIGATING ACTION AND CONVERSATION AS PART OF POSTGRADUATE COURSE

ABSTRACT: The objective of this study is based on an experience report lived during an elective discipline entitled “Marginalized Leisure and Contemporaneity” structured within the scope of a *Stricto-Sensu* Postgraduate Program. Aiming to broaden the discussions of leisure practices socially labeled as “marginal”, theoretical articulations with authors still little explored in the specific field of Leisure Studies were advocated, so that new analytical perspectives, especially less dichotomous ones, are empirically undertaken. In addition to the new conceptual dialogues, there were also didactic advances in the management of class engagement, as well as criticisms and suggestions regarding the operation of new research methods. In summary, it is a valuable experience under the dialogic approach employed and the friendly exchange arising from the teaching-learning process.

¹ Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor/Orientador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL). Pós-Doutor em Estudos do Lazer (UFMG) e Sociologia (UFPR). Doutor em Ciências do Esporte e Motricidade Humana pela *Université de Paris XI (Paris-Sud)*.

KEYWORDS: Experience report. Marginalized leisure. Graduate studies.

Introdução

De todos os diagnósticos, a normalidade é o mais grave, porque ela é sem esperança (Jacques LACAN, 1901-1981).

Neste trabalho discutiremos uma experiência em sala de aula, especificamente em uma disciplina optativa, modo presencial, estruturada no âmbito do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG), intitulada “Lazeres Marginais e Contemporaneidade”. A proposta da disciplina se deu no 2º semestre de 2022, abrangendo discentes engajados em pesquisas de mestrado e doutorado.

Tal discussão mostra-se significativa, pois o campo dos Estudos do Lazer, embora não seja recente, ainda se revela reticente nas análises das práticas de lazer que de uma certa forma subvertem aquilo que foi instituído como “normal” ou como “saudável”. Habitualmente, o uso do tempo livre é visto como algo sagrado e que deve ser usufruído com práticas formadoras e enriquecedoras. Não obstante, ao adjetivarmos os lazeres, corremos o risco de fomentar visões societárias dicotômicas e antagônicas. Neste aspecto, o uso de substâncias ilícitas, por exemplo, muitas vezes é condenado de maneira cabal, a despeito da melhor compreensão do fenômeno através dos múltiplos olhares acadêmicos possíveis, tais como: aspectos sociais, questões psíquicas, registros individuais, nuances econômicas, entre outras.

George Canguilhem (2011), autor do clássico “O Normal e o Patológico”, já nos alertava, antes mesmo do seu discípulo mais notório, Michel Foucault, para o perigo existente naquilo que denominamos como “patologização” dos comportamentos. Ora, ao definirmos o que é saúde, conseqüentemente criamos a categoria daquilo que é doença. Logo, surge o perigoso conceito de normalidade que, presumivelmente, traz

consigo aquilo que é percebido como “anormal”. Dito isso, origina-se o que Howard Becker chamou de teoria da etiquetagem, ou rótulo (BECKER, 1991). Ao longo do tempo, a sociedade e seus indivíduos vão etiquetando comportamentos, ações e práticas, sem se aterem à complexidade dessa ação, muito menos para as suas consequências deletérias na vida dos sujeitos e grupos sociais.

O retrato mais fiel desse cenário pode ser resumido pelo volumoso Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, mais conhecido pela sigla inglesa DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), publicado em 2013, e atualmente em sua quinta edição atualizada e, cada vez mais, amplificada (APA, 2014). São cerca de 300 patologias distribuídas por mais de 900 páginas. Entre os mais novos transtornos, destaca-se alguns que aludam exatamente comportamentos tidos como “anormais”: i) transtorno de acumulação; ii) transtorno da oscilação disruptiva do humor; iii) transtorno de compulsão alimentar periódica; iv) transtorno de hipersexualidade; v) transtorno de arrancar a pele; vi) adição a internet; e vii) transtorno alimentar restritivo evitativo. Longe de questionar o grau de sofrimento que cada um desses comportamentos pode desencadear, questiona-se aqui a necessidade biomédica de classificar – diagnosticar – comportamentos cada vez mais individualizados de forma que, em pouco tempo, todos nós seremos etiquetados como doentes mentais. Eliane Brum, em 2013, já nos prevenia afirmando que “o DSM-5 transformou numa ‘anormalidade’, ser ‘normal’” (BRUM, 2013, p. 1).

Ao analisarmos as teorias clássicas dos Estudos do Lazer, sobretudo naquilo que tange às análises psicológicas, percebe-se uma hegemonia das correntes comportamentais e/ou behavioristas. Entre elas, pode-se destacar a Psicologia Positiva que, comumente, simplifica a investigação sobre o comportamento humano, reduzindo-o à busca pela felicidade pré-estabelecida, independentemente das questões relacionadas

à angústia e seus desdobramentos. Para Cabanas e Illouz (2022, p. contracapa), “a felicidade se tornou mais um produto da sociedade neoliberal. As pessoas são motivadas a viver como empreendedoras de si mesmas, orientadas para maximizar seu bem-estar e para se tornarem cidadãos felizes”. Mas, que modelo de felicidade, de trabalho e de sujeito podemos contrapor a essa forma dominante de felicidade meritocrática e pronta para o consumo? Em outras palavras, sobre qual sujeito estamos falando? Por exemplo, não existe prazer, gozo, ou mesmo felicidade em práticas ditas como “marginais” pela sociedade? O quão prazeroso é contrapor a lei/a regra/a norma? Quem são os responsáveis pelas etiquetas sociais?

A proposta dessa disciplina, no âmbito da Pós-graduação, buscou experimentar bases teóricas existentes, em outras palavras, novos olhares, que poderiam se articular com o campo dos Estudos do Lazer, de maneira crítica, ampliando as perspectivas de análises das práticas societárias. Sem pretensões *a priori* de responder a todas as perguntas supracitadas, as discussões empenharam-se na desconstrução de formas engessadas de se pesquisar – seja no debate fomentado a partir da leitura de novos autores, seja na apropriação de novos métodos de investigação. A seguir, afigura-se os pormenores desse aprendizado acadêmico construído a várias mãos ao longo do 2º semestre de 2022.

Ideias Precursoras da Disciplina

Os Estudos do Lazer, ao longo do tempo, veem se solidificando enquanto área de pesquisa interdisciplinar no Brasil e no mundo, porém, assim como qualquer outro campo do conhecimento, deve ser reanalisado criticamente. Vale ressaltar que a maioria das pesquisas vislumbra uma abordagem positiva do fenômeno do lazer, seja enquanto prática social, seja enquanto política pública. Não nos cabe, definitivamente, criticar tais

abordagens naquilo que tange aos seus inúmeros avanços e benefícios sociais e individuais. Muito pelo contrário, o que se enseja, pela estruturação da disciplina, é ampliar o olhar sobre o campo, expandindo o espectro de alcance das investigações e, sobretudo, articulando outras teorias com aquelas já existentes. Em outras palavras, trata-se de um convite teórico para que outros(as) autores(as), já discutidos(as) e apropriados(as) em outras áreas, possam dialogar com as práticas sociais de lazer.

Alguns autores contemporâneos de renome internacional, entre eles, podemos destacar Robert A. Stebbins (Prof. Emérito da Universidade de Calgary, Canadá) e Francis Lobo (Prof. Honorário da Universidade *Western*, Austrália), bem como outros acadêmicos que se apropriam das suas teorias, promovem investigações no âmbito do lazer pautando prioritariamente em aspectos vistos como saudáveis, como formadores, mensurando felicidade e outros sentimentos humanos (LOBO, 2011; 2021; STEBBINS, 2007). Mesmo quando analisam os comportamentos desviantes, como é o caso de Robert A. Stebbins, no livro intitulado “Commitment to Deviance – The Non Professional Criminal in the Community” (STEBBINS, 1971), suas bases teóricas recaem na tentativa exaustiva de classificar comportamentos e práticas sociais, como se fosse possível “consertar” os indivíduos (CASTILHO, 2014). Em 2013, sob à editoração da Professora Teresa Freire (FREIRE, 2013), Stebbins publicou um artigo cujo título é “Research and Theory on Positiveness in the Social Sciences: The Central Role of Leisure” (STEBBINS, 2013, p. 03). Fica claro, ao escrutinarmos a obra, bem como seu título, que tais investigações se baseiam nas teorias desenvolvidas pela Psicologia Positiva, apropriando-se do lazer, como descrito no livro, “in the positive living, human development, and well-being”. No prefácio do livro, o renomado autor Mihaly Csikszentmihalyi, afirma que:

the studies range from describing how leisure affects the formation of a positive personal identity in adolescence to how it brings fulfillment in later

life, from what opportunities it presents to prevent adolescent deviance to how it can enrich family relationships, or moving from ontogenesis to phylogenesis, how leisure contributes to cultural development in an evolutionary framework. (...) or how leisure well spent leads to a happy life (CSIKSZENTMIHALYI, 2013, p. IX).

No excerto acima, Csikszentmihaly reitera que uma formação positiva da identidade em adolescentes poderia prevenir desvios e enriquecer as relações familiares. Ao final da citação, o autor declara como o lazer bem vivido seria capaz de conduzir à uma vida feliz. Somente neste pequeno trecho, fica evidente o caráter curativo do lazer ou seu potencial agregador em termos familiares. Sem maiores julgamentos teóricos, pode-se afirmar que os Estudos do Lazer, compostos pelas suas práticas, requerem análises mais complexas e, ao mesmo tempo, menos taxativas. Não nos compete, enquanto pesquisadores, fomentar dicotomias reducionistas, e muito menos instrumentalizar o lazer como ferramenta de prevenção de desvios em adolescentes. Afinal, o que seria um “*leisure well spent*”? Quem poderia julgar o lazer, o uso do tempo livre individual? Partindo da premissa da liberdade de escolha, como poderíamos incorporar teorias sem cair nas armadilhas de um receituário classificatório de lazer bom e/ou lazer ruim?

A fim de questionar e ampliar tais noções teóricas, pensamos na organização da disciplina de “Lazeres Marginais e Contemporaneidade”, evitando desse modo tanto o reducionismo do objeto de estudo, quanto a falácia das dicotomias prefixadas. Mas, por que o termo “marginal”? Tal pergunta, já presente na primeira aula, gerou debates interessantes e continua a intrigar alguns(mas) alunos(as).

O termo incorpora exatamente o que está em jogo na disciplina. É sabido que, no campo das Ciências Humanas, o termo “desviante” é mais aceito e, de certa forma, mais universalizado, pois se trata de uma tradução mais próxima da expressão inglesa “*deviance*”. No entanto, ao optarmos pelo “marginal”, optamos igualmente pela sua inflexão pejorativa, que já enquadra o sujeito à margem, fora do esquadro. No Brasil, o

“marginalizado” guarda consigo outros adjetivos socialmente discriminatórios, tais como: “malandro”, “periférico”, “negro”, “estranho”, “grotesco”, “drogado”, “maconheiro”, “preguiçoso”, entre outros. Por outro prisma, o “desviante” remete mais estritamente ao comportamento, excluindo o que na disciplina pensou-se como medular, ou seja, o olhar social frente ao sujeito que não se enquadra naquilo que é pré-determinado. Em outras palavras, poder-se-ia reportar ao “anormal”, ao “monstro”, abordado pontualmente por Foucault no livro “Os Anormais” (FOUCAULT, 2011), uma das obras referenciadas do curso.

Enfim, este relato visa justificar e contextualizar a construção teórica da disciplina, assim como seus objetivos principais enquanto conteúdo formador, e provocador, no seio do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL). No próximo tópico, nos debruçaremos sobre o detalhamento da experiência compartilhada no transcorrer do semestre ao longo do qual discussões teóricas e debates calorosos foram forjando novos olhares e novas chaves de leitura do fenômeno do lazer.

Relatando a Experiência

Princípios Norteadores da Disciplina, seu Cronograma e sua Estrutura Geral

Primeiramente, destaca-se a ementa proposta da disciplina optativa “Lazeres Marginais e Contemporaneidade”:

Análise de lazeres marginais contemporâneos e suas inter-relações com os estudos do lazer. Objetiva-se instigar os discentes para um olhar crítico frente às dicotomias ainda enraizadas nos estudos do lazer onde se contrapõem o lazer "bom" e "ruim", o lazer "saudável" e "não saudável", o lazer "normal" e o "anormal", entre outros. Através de estudos de grupos sociais heterogêneos (ex: usuários de drogas, prostituição, fisiculturismo, rituais xamânicos, jogos eletrônicos, práticas extremas/alto risco, entre outros), respaldados em leituras teóricas e artefatos imagéticos, vislumbra-se ampliar as possibilidades de pesquisas no campo, bem como o uso de novos métodos de coleta de dados (CASTILHO, 2022).

Ao nos precipitarmos sobre a ementa, percebe-se o desafio das discussões e as inúmeras possibilidades de diálogos. Ademais, em função do calendário da Pós-graduação, a disciplina foi ofertada com uma carga horária de 30ha, o que, portanto, comprometeu a profundidade de algumas argumentações mais calorosas, bem como a leitura mais vigilante de alguns(mas) autores(as)-chave sugeridos(as) na bibliografia. A disciplina foi subdividida em 15 semanas, ou 15 aulas, com uma duração média de 140 minutos para cada encontro.

Houve uma grande procura pela disciplina, sendo que as 17 vagas ofertadas foram preenchidas prontamente, 15 delas voltadas para os(as) alunos(as) devidamente matriculados(as) no PPGIEL, e 2 abertas como disciplina eletiva para os discentes não-matriculados no programa. Por se tratar de uma Pós-graduação interdisciplinar, destaca-se as diferentes formações dos discentes presentes: Educação Física, Psicologia, Comunicação Social, Design, Turismo, Administração, Ciências Socioambientais, Direito, Terapia Ocupacional e Gestão de Segurança Pública.

De uma maneira geral, a disciplina foi disposta de maneira simples de forma a construir um diálogo mais direto entre professor e aluno(a). Um dos objetivos da disciplina, para além do que já foi exposto, foi permitir aos discentes, por meio da apropriação do quadro teórico discutido em sala de aula, investigar práticas de lazeres tidas como “marginais” e instigar o restante da turma através do debate provocativo. Dessa forma, duas unidades foram elaboradas: i) Unidade 1: base teórica da perspectiva do “Lazer Marginal”; e ii) Unidade 2: Análise dos Estudos de Caso Contemporâneos (Apresentação em Grupo). No quadro abaixo (Quadro 1), destaca-se os conteúdos abordados e o cronograma proposto.

Quadro 1: Cronograma e Conteúdos/Atividades da Disciplina (2º/2022)

CRONOGRAMA: Disciplina Lazeres Marginais e Contemporaneidade		
Aulas/Datas	Unidades	Conteúdo/Atividades
01 – 01.09	Unidade 1	- Introdução da disciplina e apresentação do conteúdo; - Howard Becker (Teoria da Sociologia do Desvio);
02 – 08.09	Unidade 1	- Howard Becker (Teoria da Sociologia do Desvio); - Georges Canguilhem (O Normal e o Patológico);
03 – 15.09	Unidade 1	- Michel Foucault (Os Anormais); - Freud (Pulsões e suas viscissitudes);
04 – 22.09	Unidade 1	- Freud (Pulsões e suas viscissitudes); - René Girard (Mimetismo, identificação e competitividade);
05 – 29.09	Unidade 1	- Elsa Dorlin (Autodefesa: Uma Filosofia da Violência);
06 – 06.10	Unidade 1	- Apresentação do professor; - Estudo de Caso 1: Lazeres Extremos (alto-risco);
07 – 13.10	Unidade 2	- Apresentação Grupo 1: Artefatos Imagéticos;
08 – 20.10	Unidade 2	- Discussão teórica proposta pelo Grupo 1;
09 – 27.10	Unidade 2	- Apresentação Grupo 2: Artefatos Imagéticos;
10 – 03.11	Unidade 2	- Discussão teórica proposta pelo Grupo 2;
11 – 10.11	Unidade 2	- Apresentação Grupo 3: Artefatos Imagéticos;
12 – 17.11	Unidade 2	- Discussão teórica proposta pelo Grupo 3;
13 – 24.11	Unidade 2	- Apresentação Grupo 4: Artefatos Imagéticos;
14 – 01.12	Unidade 2	- Discussão teórica proposta pelo Grupo 4;
15 – 15.12	Unidade 2	- Encontro final da disciplina e autoavaliação;

Fonte: O autor.

Podemos pensar em dois grandes blocos. O primeiro deles, intitulado Unidade 1, teve uma duração de 6 semanas, ao longo das quais foram discutidos seis autores(as) principais e suas respectivas teorias: Howard Becker (Outsiders), Michel Foucault (Os Anormais), Georges Canguilhem (O Normal e o Patológico), Elsa Dorlin (Autodefesa), Sigmund Freud (Teoria das Pulsões) e René Girard (O Desejo Mímético). Para cada autor(a)-referência, foi sugerido a leitura de pelo menos uma obra (ou texto) tomado como essencial na construção de uma base teórica preliminar para o olhar analítico dos lazeres marginais (Quadro 2). Neste sentido, muito mais do que uma complementariedade entre teorias, cogitou-se debater possíveis interpretações epistemológicas quanto às práticas societárias marginalizadas. Para além desse alicerce

referencial, outras leituras foram sugeridas de sorte a complementar algumas perspectivas.

As leituras eram realizadas previamente e nos encontros presenciais as discussões se concretizavam. A princípio, na primeira parte da aula, uma exposição teórica era empreendida na qual se contextualizava as teorias, bem como as propostas dos autores(as). Em um segundo tempo, provavelmente o momento mais interessante, deslocávamos a teoria do seu contexto originário a fim de estabelecer conexões com os Estudos do Lazer e os objetos de pesquisa dos diferentes discentes da turma. Por se tratar de uma turma de Pós-graduação que já havia cursado as disciplinas obrigatórias referentes aos autores clássicos no âmbito do lazer, pode-se afirmar que as discussões se mostraram complexas e instigantes. De maneira dialógica, buscou-se ampliar algumas análises referentes às buscas por determinados tipos de lazeres, dissolvendo visões dicotômicas entre aquilo que é visto, ou taxado, como bom ou ruim pela sociedade. Morin (2015, p. 153) denominou dialógica como “uma lógica entre duas, dupla lógica em uma, cujos dois termos são, simultaneamente, irreduzíveis um ou outro e inseparáveis um do outro”.

Um dos alunos do mestrado, por exemplo, cuja pesquisa tem como objeto os conflitos entre torcidas organizadas de futebol masculino, nos relatou que, por meio do seu estudo de campo, as confrontações e o sentimento de pertencimento se revelam como elementos analíticos multiformes. Ou seja, não é possível etiquetar tais grupos como “baderneiros” ou “violentos” sob o risco eminente de subjugar tais ações. É preciso, por outro lado, compreender os aspectos sociais, psíquicos, econômicos e fisiológicos que articulam e dialogam com esta prática de lazer, vista corriqueiramente de maneira simplória como “marginal” pela sociedade. Afinal, por que tais indivíduos se sentem acolhidos pelas torcidas organizadas enquanto se veem excluídos pela

sociedade? Qual a possibilidade de prazer, ou gozo, dessas práticas? Como se dá o mimetismo nestas confrontações? São algumas perguntas que surgiram ao longo do debate em sala de aula e que permeavam as discussões.

Quadro 2: Esquema teórico da disciplina e referências bibliográficas básicas

QUADRO TEÓRICO DA DISCIPLINA		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA (LEITURAS OBRIGATÓRIAS)		
<i>Autor(a)</i>	<i>Obra</i>	<i>Objetivos e diálogos iniciais com os Estudos do Lazer</i>
Howard Becker (1928 – 94 anos)	- <i>Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance</i>	Marco dos estudos sobre desvio, ao longo do qual podemos identificar importantes deslocamentos de foco: da ideia essencializada de “crime” para o termo “desvio”, que supõe uma relação social; do foco no indivíduo para o foco nas relações, que produzem regras e exigem seu cumprimento; da naturalização das regras para a produção social e o processo de imposição de rótulos (etiquetagem).
Georges Canguilhem (1904-1995)	- O Normal e o Patológico	Crítica direta ao discurso biomédico que preconiza a saúde como ausência de doença por meio de parâmetros fisiológicos específicos e mensuráveis. Rompe com a noção dicotômica do indivíduo saudável como sinônimo de normalidade. Traz a ideia de saúde como possibilidade de tolerar infrações à norma habitual, a normatividade vital.
Michel Foucault (1926-1984)	- Os Anormais: Curso de <i>Collège de France</i> (1974-1975) – Aula de 22 de janeiro 1975	Recapitula a anomalia ao longo dos séculos 18 e 19 através da constituição de três elementos principais: o monstro (noção jurídica); o indivíduo a ser corrigido (noção familiar e instituições próximas); e o onanismo (noção da intimidade, espaços escondidos e moralizantes). Para Foucault, o anormal do século 19 é um descendente direto dessas três figuras.
Elsa Dorlin (1974 – 49 anos)	- Autodefesa: Uma Filosofia da Violência	Questionar a violência submetida pelas minorias e na tradição do direito natural que determina que apenas os detentores de propriedade têm direito de exercer a legítima defesa. Neste contexto, os sujeitos marginalizados, vistos como sem propriedades (inclusive seus corpos), não teriam como usufruir deste direito, partindo assim para a autodefesa.
Sigmund Freud (1856-1939)	- As Pulsões e suas Vicissitudes	Freud, ao romper com a ideia de corpo motor, por meio da premissa do corpo erógeno, discute conceitos importantes na análise das práticas de lazer, tais como: repressão, recalques, projeções, prazer/desprazer e pulsão. A formação psíquica, ora consciente ora inconsciente, guarda consigo a ideia da pulsão de vida e pulsão de morte. As marcas psíquicas vão nos guiando, vão se repetindo sempre na busca de um prazer máximo jamais alcançado.
René Girard (1923-2015)	- Anorexia e desejo mimético	Girard nos apresenta em sua obra a ideia de “mimese”, ou imitação. Para o autor, o conflito nasce do desejo mimético e todo desejo busca imitar uma outra pessoa, por um modelo ou mediador. A relação entre sujeito e objeto, não é direta, pois sempre existe uma relação triangular entre sujeito – modelo – objeto. Ou seja, na realidade, o mediador que é verdadeiramente desejado e não o objeto.

No segundo bloco, com duração de oito semanas, orientou-se que cada grupo, composto por aproximadamente quatro discentes, escolhesse uma temática, previamente discutida junto ao professor da disciplina, e a apresentasse para a turma no decorrer de duas aulas. A primeira parte, intitulada como aula “instigadora”, o grupo deveria se apropriar de artefatos imagéticos diversos (filmes, fotografias, objetos, entre outros) relativos ao tema e apresentá-los para o restante da turma, sem nenhuma discussão teórica prevista. O foco nesse momento era somente incitar o restante da turma, provocá-la. O desconforto ocasionado, a depender sobretudo dos temas aludidos, era “digerido” ao longo da semana e retornava de maneira vívida na semana seguinte. No quadro abaixo (Quadro 3), apresentamos as temáticas examinadas por cada um dos grupos.

Quadro 3: Divisão dos temas e títulos das apresentações

TEMÁTICAS ABORDADAS PELOS DISCENTES	
Grupo 1	Produções artísticas e saúde mental: a Luta Antimanicomial e a situação atual da saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS).
Grupo 2	O Funk e suas interrelações sociais: a favela, a dança, a música e seus estigmas societários.
Grupo 3	A prostituição e os personagens dos circos dos horrores (<i>freak show</i>): os monstros sociais que “deveriam” ser corrigidos.
Grupo 4	As torcidas organizadas de futebol no Brasil e as suas confrontações: entre o gozo, a violência e o mimetismo.

Fonte: O autor.

No segundo encontro, uma vez apresentado o tema aos colegas por meio dos métodos iconográficos, o grupo deveria analisar a prática social selecionada sob à(s) ótica(s) teórica(s) discutida(s) em sala de aula, apontando aproximações e possibilidades de análises frente aos Estudos do Lazer. Ou seja, para além da apropriação dos(as) autores(as)-referência, objetivou-se principalmente o diálogo oportuno com outras teorias existentes no campo dos Estudos do Lazer, em outras palavras, novas chaves de leitura do fenômeno. Tratou-se certamente do ápice das discussões engendrando construções teóricas originais e agregadoras, uma espécie de insights epistemológicos.

Forjando o Interesse e Experimentando Novos Formatos

Uma vez exposto o arranjo geral da disciplina, bem como outros detalhes estruturantes, pretende-se salientar duas intervenções que favoreceram sobremaneira o engajamento individual na disciplina e a dinâmica das apresentações dos grupos. Despertar o desejo da turma, principalmente na atualidade, tem sido uma tarefa árdua no contexto da sala de aula, mesmo na Pós-graduação. Nesse sentido, algumas intervenções são necessárias e, ao rememorar os momentos-chave da convivência em classe, certamente esses dois cenários se sobressaem.

Os(as) autores(as) discutidos(as) ao longo do semestre, para além da inegável contribuição em termos teóricos, acabam nos tocando enquanto indivíduos e grupos sociais. Assim, em inúmeras ocasiões, percebeu-se que alguns discentes traziam, para além dos seus objetos de estudo nas pesquisas desenvolvidas na Pós-graduação, questões de cunho pessoal e que dialogavam com a temática da “marginalidade” pelo viés da etiquetagem social. Em outras palavras, a maioria da turma se sentia concernida ao debatermos sobre práticas de lazer vistas como “marginalizadas”, seja pela experiência individual, seja pelo olhar enquanto observador/pesquisador da sociedade na qual nos inserimos. Ora, nas pesquisas qualitativas, “a dialética assume que a qualidade dos fatos e das relações sociais é sua propriedade inerente” (MINAYO, 2010, p. 25). Ela enseja, do ponto de vista filosófico, a dissolução das dicotomias e, como afirmara Jean-Paul Sartre (1978, p. 177), ela “recusa-se a reduzir, ela ultrapassa conservando”. O pesquisador social deve estar atento, e estará sujeito, à uma verdadeira revolução epistemológica. Tal metamorfose inicia-se pelo próprio olhar que, em última instância, acaba deslocando a sua própria subjetividade.

A partir dessas percepções, uma avaliação foi elaborada de sorte que os discentes pudessem se expressar livremente sobre a temática. Optou-se pelo formato de

ensaio visto que se trata de um texto menos engessado, mais coloquial. Desse modo, recomendou-se um direcionamento pautado em duas questões centrais: i) Minhas aproximações (ou vivências) sobre/do lazer marginal; e ii) Minhas impressões do lazer marginal. O trabalho foi realizado de maneira individual e deveria ser postado na plataforma digital da disciplina no site da instituição. Sugeriu-se igualmente uma formatação de acordo com as normas da ABNT e o mínimo de duas laudas.

O resultado dessa avaliação foi surpreendente. Para além da qualidade dos ensaios em termos textuais, destaca-se a maturidade dos relatos. Se existia alguma dúvida quanto à necessidade de ampliar as discussões sobre as ideais pré-concebidas no que tange aos comportamentos e às práticas humanas no âmbito do lazer, neste momento, ao longo das leituras, todos os medos e receios se esvaneceram. Tornou-se evidente que, embora estejamos na segunda década do século 21, ainda se faz extremamente necessário a dissolução das dicotomias e das etiquetas societárias. Ademais, o exercício da escrita aproximou a turma do professor e funcionou como uma espécie de “divã terapêutico”, onde falar faz bem, alivia a alma. Alguns temas foram recortados nas leituras dos ensaios e debatidos juntos aos(as) alunos(as), de maneira anônima, sem expor os nomes dos(as) autores(as).

A segunda intervenção, mais direcionada para as questões didáticas, focou no trabalho em grupo. Embora as diretrizes tenham sido pormenorizadas a priori para a turma, enfatizando o formato e o conteúdo das apresentações, ficou claro que alguns discentes pareceriam dubitativos. Este fato pode ter a ver com o grau de liberdade da atividade e à não restrição quanto à outras possibilidades, mais criativas, das apresentações. No momento da autoavaliação da disciplina, ao final do semestre, esse episódio voltou à tona e alguns(mas) alunos(as) relataram ter dificuldade nas relações menos verticalizadas junto aos professores, onde a liberdade e a criatividade são

valorizadas e bem-quistas. Vale ressaltar que estamos falando de alunos(as) da Pós-graduação que ainda permanecessem engessados(as) nas relações de poder estabelecidas no meio acadêmico. Voltaremos nessa discussão no próximo tópico.

Uma vez detectado tal imbróglio, uma mudança no cronograma foi proposta. Para facilitar a compreensão quanto ao formato do trabalho, o professor se dispôs a realizar a primeira apresentação, abordando alguma temática afim e utilizando-se dos meios visuais como ferramenta instigadora. Porém, diferentemente do formato proposto aos alunos, a apresentação não contemplaria duas aulas. Assim, durante o encontro da semana 6, o professor apresentou quatro vídeos documentários abordando práticas de lazeres extremos (ou de alto risco) e, posteriormente, instigou a turma quanto às possíveis análises teóricas já debatidas em sala de aula. A dinâmica se mostrou frutífera, pois o envolvimento da turma foi efervescente, bem como os diálogos junto aos autores referenciados.

Tais intervenções, a despeito da sua aparente simplicidade, foram essenciais na dinâmica e transcorrer da disciplina. A sala de aula não deve ser vista como um local estanque, avesso às mudanças. Pelo contrário, o cronograma deve ser maleável de acordo com o clima que vai se criando junto à turma. A dialógica, já abordada em termos teóricos, precisa estar incorporada na relação professor-aluno(a), sobretudo na Pós-graduação. O cronograma elaborado anteriormente cumpre a função de orientação, porém, no caos da prática, novos formatos e reajustes são e serão requisitados. Cabe ao professor, por meio da leitura crítica do ambiente acadêmico, se readaptar a fim de reencontrar a sintonia do processo de ensino-aprendizagem.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Nessa seção, apresentaremos, em formato de tópicos, os resultados (experiências) mais valiosos construídos no transcorrer da disciplina. Vale salientar que se trata da primeira edição da disciplina e que, como será debatido, vislumbra-se uma segunda oferta no 2º semestre de 2023. As críticas e as sugestões debatidas durante a autoavaliação foram e serão essenciais para as adaptações futuras no cronograma.

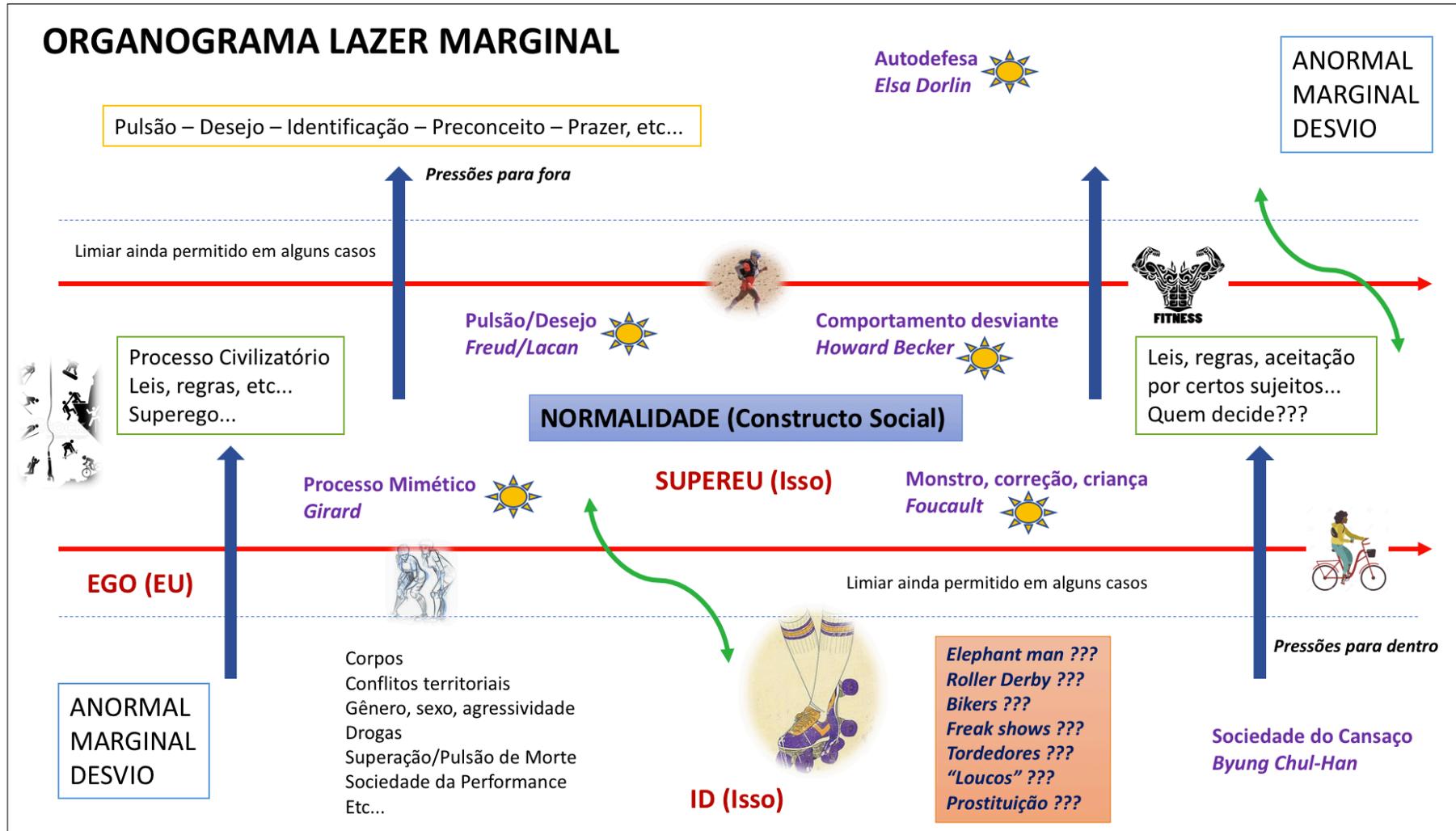
Formulando um Modelo Analítico sobre os Lazeres Marginais

A experiência da disciplina de “Lazeres Marginais e Contemporaneidade” possibilitou repensar na estrutura analítica das práticas de lazer marginalizadas a partir dos(as) autores(as) discutidos(as) ao longo do semestre. A partir das leituras, das discussões e das interlocuções empreendidas junto aos discentes, sejam nas aulas teóricas, sejam nas apresentações, foi viável esboçar um modelo, ou organograma, de análise teórica na esfera dos Estudos do Lazer. Dessa forma, para além dos teóricos clássicos do campo, torna-se exequível interlocuções com outras teorias de forma a ampliar o olhar na tentativa perseverante de dissolução das dicotomias, em outras palavras, de maior aceitação social frente ao que é etiquetado como “diferente”.

Desse modo, elaborou-se um esquema, exibido no quadro abaixo (Quadro 4), no qual se pode visualizar resumidamente as articulações teóricas, contemplando especificamente os(as) autores(as) abordados(as) na disciplina, no âmbito dos Estudos do Lazer. Trata-se, *a priori*, de um primeiro esboço que visa auxiliar didaticamente os pesquisadores que se debruçarem nessa temática e nesses diálogos. Provavelmente, ao longo das novas experiências que serão realizadas nos programas de Pós-graduação, outras mudanças serão acertadas fruto das trocas dialógicas com os discentes e das críticas e sugestões reportadas. O organograma também representa um resultado

concreto da disciplina, construído pelo e através do processo ensino-aprendizagem, uma espécie de resumo das vivências em formato de esquema.

Quadro 4: Organograma analítico dos Lazeres Marginais



Novos Olhares, Novas Análises Teóricas

O livro que inspirou a estruturação dessa disciplina, publicado em 1998, e que se encontra nas suas referências complementares, foi a tese do antropólogo brasileiro Gilberto VoVelho, defendida em 1975, cujo título é “Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia”. A primeira leitura da obra foi realizada há mais de 25 anos, não obstante, os traços e as memórias permaneceram. O estudo etnográfico teve como objetivo compreender o uso de substâncias ilícitas, chamados “tóxicos”, em dois diferentes grupos de jovens de classe média residentes das áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro. Velho (1998) visava comparar seus “estilos de vida” e “visões de mundo”, seguindo terminologias fenomenológicas das interpretações simbólicas de Clifford Geertz (1989).

O estudo supracitado poderia, com alguns ajustes, ser empreendido no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Estudos do Lazer (PPGIEL). Analisar o uso do tempo livre, em toda sua complexidade, é abarcar na essência do(s) sujeito(s), seu(s) prazer(es) mais íntimo(s), sua(s) subjetividade(s). Partindo da noção de lazer como uma “necessidade humana e dimensão da cultura”, conceito proposto por Gomes (2014, p. 3), bem como por meio da ideia segundo a qual o uso – ou fruição – do tempo livre implica liberdade e gratuidade, pode-se concluir que analisar as práticas de lazeres, sejam elas quais forem, reflete aspectos societários cruciais para uma melhor compreensão dos hábitos, dos comportamentos, dos fantasmas, dos gostos, dos juízos, das escolhas, dos medos, entre outros, dos indivíduos. Nesse intuito, teorias classificatórias e dicotômicas não auxiliariam nas interpretações dialógicas requeridas do campo, muito pelo contrário, poderiam ser utilizadas para uma manutenção do status quo tão avesso às mudanças sociais imprescindíveis. Ainda mais alarmante seria a implementação de políticas públicas no âmbito do lazer, dever do Estado previsto na

Constituição de 1988 do Brasil, cujas bases teóricas se mesclam com os estudos empíricos estritamente comportamentais.

Isto posto, sublinhamos a importância da crítica trazida pela organização da disciplina “Lazeres Marginais e Contemporaneidade”, por meio dos debates propostos por autores(as) ainda pouco requisitados(as), de forma a ampliar os referenciais dos objetos de pesquisa dos discentes do programa. Nas conversas propostas pelo Grupo 1, por exemplo, no transcorrer da apresentação da temática sobre produção artística e saúde mental, discutiu-se a centralidade da arte, do “fazer arte”, na organização psíquica dos pacientes esquizofrênicos. Um dos filmes escolhidos para a primeira aula do grupo, “Nise: O Coração da Loucura” (2015), nos alerta para a importância da fruição do tempo livre dos pacientes ainda trancafiados em um Manicômio. Por meio da genialidade da médica baiana Nise Magalhães da Silveira (1905-1999), os pacientes trocam a “lobotomia” pelo pincel. O louco já não é mais “anormal”, o louco é um artista e expõe suas obras no Museu de Imagens do Inconsciente. Essa mudança de olhar, onde o “monstro” é acolhido, foi e é fundamental na continuidade da Luta Antimanicomial no Brasil.

O Grupo 3, cuja temática articulou-se na questão da prostituição, principalmente entre transexuais, e os chamados *Freak Shows* (Circo de Horrores), apoiou-se teoricamente nos autores Howard Becker e Michel Foucault, bem como nas discussões da autora Elsa Dorlin. Primeiramente, pode-se questionar como se dá a etiquetagem dos indivíduos quanto ao gênero, no caso da prostituição; e o olhar preconceituoso frente aos indivíduos que possuem alguma malformação, no caso dos *Freak Shows*. Segundo o grupo, ambos os casos podem ser interpretados por meio da obra “Os Anormais” (FOUCAULT, 2011). Tanto a noção do monstro, quanto a noção do indivíduo a ser corrigido, revelam como o sujeito fica marcado pelo saber médico, pelo saber jurídico e

pelas instituições ao seu redor. O transexual e o sujeito com malformação denotam uma transgressão do limite do natural ainda presente na sociedade. Tais indivíduos acabam se transmutando em diversão para as outras pessoas como uma forma de “marginalidade”. Transformam-se em lazer “marginal” para a sociedade que, de uma certa forma, não os integra enquanto sujeitos. O etiquetado como “bizarro”, “excêntrico”, atraem os olhares alheios. O grupo se fundamentou, entre outras obras, no filme “*The Elephant Man*” de David Lynch de 1980.

Os conflitos entre as torcidas organizadas de futebol masculino no Brasil, tema do Grupo 4, trouxeram à tona a questão das pulsões, discutidas por Freud, junto ao conceito de sublimação, e a teoria do mimetismo de Girard. Se envolver em uma briga generalizada nos remete, em um primeiro momento, à violência banal. No entanto, ao entrarmos em contato com as histórias de vida dos indivíduos, fica claro que a marginalidade na qual estão enquadrados, em associação à paixão clubística transbordante, vai muito além de um conflito corporal. Naquele espaço, esses sujeitos são valorizados como guerreiros, encontram uma causa maior que não foi possível e não foi acolhida na “cidade partida” (VENTURA, 1994), igualmente repleta de violência. Percebe-se nos seus comportamentos (e discursos) uma espécie de necessidade de extravasar, de sublimar uma pulsão que permanece retida no psiquismo. Outrossim, na pele tatuada pelos símbolos do clube, os membros das torcidas se espelham nos diretores, naqueles que já possuem um status consolidado na agremiação. Daí nasce o mimetismo, uma admiração que mais parece uma competição. Um dia quero ser admirado como o meu herói, ou seria o meu adversário? A questão da identidade está muito presente, seja no grupo social, seja no amor pelo clube. Para quem se envolve nos confrontos, não se trata de violência, pois existem regras e normas próprias. O tempo livre, que vai se tornando trabalho, revela práticas de indivíduos repletos de sentimentos

contraditórios, tal qual qualquer outro cidadão, sobretudo aqueles repelidos pela exígua “margem” da aceitação social.

Apropriando-se de Novos Métodos de Pesquisa

O formato das apresentações dos estudos de caso incitou entre os discentes um debate pertinente naquilo que concerne aos métodos de coleta de dados no âmbito dos Estudos do Lazer. Relembrando o processo, no trabalho em grupo temático, sugeriu-se o uso do que chamados de artefatos imagéticos diversos (filmes, documentários, objetos, fotografias, obras de arte, entre outros) como forma de instigar a turma ao longo do primeiro encontro. A dinâmica se revelou extremamente engenhosa, despertando o interesse da turma e, ao mesmo tempo, auxiliando na análise dos objetos de pesquisa uma vez que se tratavam de documentos e fontes de informações. Conseqüentemente, questionamentos surgiram acalorando os debates sobre a temática.

Tradicionalmente, no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), por inúmeros motivos, o uso de métodos de coleta de dados iconográficos se revela tímido. Poucos são os estudos que se apropriam, por exemplo, da fotografia sociológica como ferramenta metodológica. No entanto, ao nos depararmos com objetos de pesquisa que dialogam com os lazeres marginais, sublinhamos a potencialidade das representações visuais, em suas diversas manifestações, nas análises dessas práticas sociais. O simples fato de se situarem à margem, o que nos remete à noção territorial e geográfica, já justificaria o uso da iconografia. A fotografia sociológica, por exemplo, reforçaria o exercício do terreno etnográfico, seu empirismo. Ademais, a fotografia serve como método de anotações – caderno de campo visual – e um meio de interação com os sujeitos de pesquisa. (MARESCA; MEYER, 2013; CASTILHO; EVRARD; CHARRIER, 2016).

Para além do seu uso limitado como ilustração, a fotografia (e outros meios) se insere nos dados coletados e é igualmente passível de análise e interpretação. Representa, em última instância, o olhar do pesquisador, seu ângulo de análise. Sugere-se mesclar a fotografia com extratos do caderno de campo, uma combinação que permite uma mudança de estilo de escrita, possibilitando a aquisição de um estilo mais romancado, cheio de emoção, colocando em destaque a subjetividade do pesquisador-fotógrafo que divide sua vida com a vida dos sujeitos (HARPER, 1988; 1998). Na apresentação do Grupo 2, cuja temática foi o Funk, a imagem é essencial, bem como o seu componente territorial. Trata-se de uma manifestação cultural situada, em um primeiro momento, nas periferias das metrópoles e que, ao ser apropriada por outros grupos societários, se propaga para outros espaços, outros territórios. O funk possui um caráter estético específico, único, que pode ser analisado e retratado por meio da iconografia. Outro exemplo discutido, igualmente potente em termos visuais, foi a questão espacial dos confrontos entre as torcidas organizadas, sem contar os corpos marcados dos agremiados. O corpo desses sujeitos reflete a própria história, a própria prática de lazer.

Douglas Harper (1998), sociólogo e fotógrafo americano, realizou um estudo de doutorado sobre a vida dos “vagabundos” na região nordeste dos Estados Unidos. Para o autor, é a escolha do método visual que possibilita se conectar com o discurso dos sujeitos de pesquisa e que, conseqüentemente, nos revela suas práticas sociais. Abre a possibilidade para uma maior expressão da sensibilidade do pesquisador, permitindo uma implicação física e psicológica essencial na vida daqueles que se situam à margem que, na sua pesquisa, foram designados como “vagabundos”. (HARPER, 1998, p. 7). Em suma, percebe-se o quão enriquecedor seria o recrutamento de métodos iconográficos, sobretudo a fotografia sociológica, nas análises dos lazes

marginalizados no âmbito dos Estudos do Lazer. É claro que, assim como qualquer outro método de pesquisa, o seu uso deve seguir à risca todas as questões epistêmicas e aspectos éticos requeridos.

Sugestões, Autoavaliação e Expectativas Futuras

A experiência da disciplina parece transcender o tempo cronológico das aulas, o semestre ao longo do qual as discussões ocorreram. Talvez sejam essas inquietações que nos cevem enquanto educadores e pesquisadores a fim de “desconstruir” como forma de forjar novos olhares. As áreas de pesquisas interdisciplinares, embora já não sejam tão recentes, permanecem engessadas e têm dificuldades de se assumirem como áreas de diálogo e interseção. O modelo acadêmico do Brasil conserva-se enquadrado, dificultando novos avanços em direção à transdisciplinaridade. A qualidade dos debates e discussões experimentados na disciplina só foi exequível em virtude das características do Programa, bem como dos diversos olhares e formações discentes inscritos no curso.

Isto posto, gostaríamos de destacar algumas mudanças previstas para as próximas edições da disciplina “Lazeres Marginais e Contemporaneidade” no âmbito da Pós-graduação. Tais adaptações são fruto da discussão realizada ao longo do último encontro que se dedicou a escutar a opinião dos discentes sobretudo naquilo que concerne às críticas e sugestões de melhoria. Esse ato, nomeadamente de “escuta”, supõe deixar os interlocutores falarem, se expressarem, pois é através da fala que os sujeitos se apaziguam. O professor deve estar preparado para não interromper, para não levar para o lado pessoal. Trata-se de uma habilidade que, sem sombras de dúvidas, acarretará benefícios futuros. A sala de aula ainda representa um palco para o professor, mas pelo método dialógico, não existe transmissão de conhecimento, existe troca. Ao

final do processo, são os professores que aprendem mais, e todos saem transformados. (FREIRE; HORTON, 2003).

Uma primeira crítica salientada e compartilhada pela maioria da turma diz respeito à carga horária. Como sublinhado previamente, em virtude do calendário da Pós-graduação no 2º semestre de 2022, a disciplina foi organizada com uma carga horária de 30ha. No entanto, percebemos que algumas discussões e leituras ficaram comprometidas. Os(as) autores(as) e as teorias referenciadas são densos e requerem um maior tempo de entendimento, uma maturação. Desse modo, nas próximas edições da disciplina, a carga horária será de 60ha de sorte a fomentar melhor as leituras-chave e os diálogos consequentes.

Para além da sua duração, foi sugerido igualmente a possibilidade de realizar saídas de campo vislumbrando experiências etnográficas das práticas de lazeres etiquetadas como “marginais”. Tais ações precisam ser programadas previamente, mas, sem dúvidas, enriqueceria sobremaneira a vivência dos discentes. Pode-se pensar igualmente em inserir tais vivências nos trabalhos em grupo já presentes na primeira versão da disciplina. Sair do ambiente da sala de aula, experimentar outros locais de interação, principalmente no âmbito da Pós-graduação, estreitará não somente a relação junto à teoria discutida, mas igualmente a interação entre a turma e os objetos de pesquisa.

Um terceiro ponto destacado foi a inserção de um conteúdo voltado especificamente para as questões metodológicas, de preferência concernindo os métodos iconográficos. Para que não se corra o risco de aumentar em demasiado os conteúdos já propostos na disciplina, sugeriríamos a discussão específica da fotografia sociológica que, para além do tema da matéria, poderia auxiliar outros pesquisadores cujas temáticas se beneficiariam desse recurso. Outrossim, poder-se-ia inserir a prática

fotográfica às saídas de campo, onde a coleta de dados se realizaria pela fotografia e pelas anotações de campo, uma espécie de treinamento técnico, no uso da fotografia, e de treinamento do olhar etnográfico.

Outras ideias e propostas foram discutidas e serão analisadas no transcorrer dos próximos semestres. Ressalta-se, mais uma vez, a importância da maleabilidade e adaptabilidade do plano de ensino e cronograma das disciplinas ofertadas nas grades curriculares tanto da Pós-graduação, quanto da graduação. Os conteúdos programáticos precisam estar em sintonia com as mudanças sociais e as suas necessidades mais pungentes, objetivando sobretudo uma atenuação da desigualdade e uma sociedade mais justa.

Considerações Finais

Esse relato de experiência aspirou dialogar com o campo acadêmico, através de uma proposta teórica original no campo dos Estudos do Lazer, incorporando autores(as) e teorias já discutidos em outros domínios acadêmicos, mas que permanecem incipientes no traquejo dos pesquisadores da Pós-graduação em Estudos do Lazer. Longe do ineditismo das teorias, muito pelo contrário, ensejou-se instigar a área por meio de novos olhares, novos ângulos de interpretação.

Historicamente, os Estudos do Lazer, sobretudo no que diz respeito às análises de cunho psicológico com respaldo social, se apoia conceitualmente nas teorias comportamentais. Tais incursões têm se revelado pouco efetivas na dissolução das dicotomias ainda enraizadas na sociedade. Os estudos têm se mostrado prescritivos e taxativos notadamente concernente às práticas de lazeres vistas como não convencionais, aqui denominadas “marginais”. Uma consequência deletéria nesse sentido, é o crescente uso desse embasamento teórico, principalmente no campo da

Psicologia Positiva, na elaboração e implementação de políticas públicas. (CABANAS; ILLOUZ, 2022). Nas bastassem os vieses individualista e neoliberal da perspectiva positiva, os autores apontam que esses programas e intervenções educacionais vendem uma falsa retórica de empoderamento. (ECCLESTONE; HAYES, 2008; CABANAS, 2018).

Alerta-se para um simplismo na análise das práticas sociais e para a sua instrumentalização vislumbrando uma prática discursiva de cura de hábitos e comportamentos vistos como não saudáveis, como marginalizados. Compromete-se assim a profundidade e a complexidade, bem como as inúmeras influências sociais no processo de construção das identidades na contemporaneidade, fato alertado por Stuart Hall (2006) e outros pensadores sociais.

Em suma, destaca-se a importância na “desconstrução” de saberes estanques no mundo acadêmico como possibilidade de provocar novas chaves de leitura nas Ciências Humanas e em outros campos do conhecimento. Para isso, deve-se fomentar as parcerias transdisciplinares como forma de expandir não somente as possibilidades de investigações, mas também no cruzamento de métodos e metodologias empregados nas coletas de dados e análise de conteúdos, exercícios fulcrais que afetam diretamente a qualidade das pesquisas. A experiência compartilhada prosseguirá martelando na tecla da transformação social por meio do campo educacional, território ainda compreendido como medular na busca por um mundo mais digno.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5 - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5 ed. São Paulo: Artmed, 2014. 992 p.

BECKER, H. S. **Outsiders: studies in the Sociology of Deviance**. New York: The Free Press, 1991. 215 p.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

- BRUM, E. Acordei doente mental. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 2013.
- CABANAS, E. "Psytizens", or the construction of happy individuals in neoliberal societies. In: ILLOUZ, E. **Emotions as commodities: capitalism, consumption, and authenticity**. [S.l.]: Routledge/Taylor & Francis Group, 2018. p. 173-196.
- CABANAS, E.; ILLOUZ, E. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. São Paulo: UBU Editora, 2022. 288 p.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 7. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2011. 288 p.
- CASTILHO, C. T. Entrevista com Chris Rojek: percurso acadêmico e aproximação com os estudos do lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL)**, v.1, n.1, p. 133-149, 2014.
- CASTILHO, C. T. **Plano de ensino e cronograma**. Disciplina da Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), 2º Semestre/2022. Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.
- CASTILHO, C. T.; EVRARD, B.; CHARRIER, D. Mobilização popular de 2013 em Belo Horizonte: um olhar em preto e branco. **Ponto Urbe**, v.19, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3218>
- CSIKSZENTMIHALYI, M. Preface. In: FREIRE, T. **Positive leisure science: from subjective experience to social contexts**. New York: Springer, 2013. p. VII-IX.
- DORLIN, E. **Autodefesa: uma filosofia da violência**. São Paulo: UBU Editora, 2020. 220 p.
- ECCLESTONE, K.; HAYES, D. **The dangerous rise of therapeutic education**. New York: Routledge, 2008. 200 p.
- FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 479 p.
- FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- FREIRE, T. **Positive leisure science: from subjective experience to social contexts**. New York: Springer Ed., 2013. 229 p.
- FREUD, S. **As pulsões e seus destinos (Triebe und Tribschicksale)** - Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 162 p.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GIRARD, R. **Anorexia e o desejo mimético**. São Paulo: É Realizações, v. 118, 2011.
- GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer/RBEL**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARPER, D. Visual sociology: expanding sociological vision. **The American Sociologist**, v. 19, n. 1, p. 54-70, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02692374>

HARPER, D. **Les vagabonds du Nord-Ouest américain**. Paris: L'Harmattan, 1998.

LACAN, J. J. **Le Séminaire, Livre IX: L'Identification**. Paris: Éditions du Seuil, 2004. 212p.

LOBO, F. Leisure, happiness and sustainable development: a global perspective. *In*: VERMA, M. K. **Environment and sustainable development: perspectives and issues**. Abingdon: Routledge India, 2021. p. 52-65.

LOBO, F. Leisure, happiness and development: a Latin America perspective. *In*: GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. **Desafios e perspectivas da educação para o lazer: challenges and prospects of education for leisure**. Belo Horizonte: SESC Minas, 2011. p. 307-320.

MARESCA, S.; MEYER, M. **Précis de photographie à l'usage des sociologues**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013.

MINAYO, M. C. D. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010. 407 p.

MORIN, E. **O método 2**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NISE: O Coração da loucura. Direção: Roberto Berliner. Produção: TVZERO. [S.l.]: Berliner, Roberto; Horta, André. 2016.

SARTRE, J.-P. **Os pensadores: Sartre - Questão de Método**. São Paulo: Editora Abril, 1978.

STEBBINS, R. A.; MARTINDALE, E. **Commitment to Deviance: the nonprofessional criminal in the community**. Ed. Praeger, 1971. 201p.

STEBBINS, R. A. **Serious leisure: a perspective for our time**. Ed. Aldine Transaction Publication, 2007. 156p.

STEBBINS, R. Research and Theory on Positiveness in the Social Sciences: The Central Role of Leisure. *In*: FREIRE, T. **Positive leisure science: from subjective experience to social contexts**. New York: Springer Ed., 2013. p. 3-20.

THE Elephant Man. Direção: David Lynch. Produção: Jonathan Sanger e Mel Brooks. [S.l.]: Brookfilms. 1980.

VELHO, G. **Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

VENTURA, Z. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 280p.

Endereço do Autor:

César Teixeira Castilho

Endereço eletrônico: castcesarster@gmail.com ou castcesar@ufmg.com